

João Teives  
director do Advocatus



# Ano II

Inicia-se com este número 13 o ano II do Advocatus – o Agregador da Advocacia. É um ano complexo, tanto do ponto de vista nacional como internacional, exigindo respostas concertadas e corajosas

Nas margens da Europa vive-se em plena crise da dívida soberana. Entre o momento que escrevo estas linhas e a publicação da revista não sei se existirá novo *downgrading* das notações quer da dívida soberana portuguesa, quer das instituições bancárias nacionais. O Instituto de Gestão de Tesouraria e do Crédito Público, IP (IGCP) lá colocou 1 645 mil milhões de euros, a uma taxa média de 5,793 por cento, num leilão extraordinário da dívida com prazo de vencimento a Junho de 2012, ou seja, em data anterior à ainda indefinida revisão dos mecanismos de auxílio financeiro da zona euro em 2013. Independentemente da indefinição de tais mecanismos, julgo podermos assentar no facto de que o rigor absoluto no controlo da despesa pública é também ele um factor essencial na credibilização da República Portu-

**Se é verdade que  
estamos em plena  
crise do Estado  
Social, não vejo que  
a solução venha a ser  
demissionária por parte  
do Estado**

guesa nos mercados. Razão essencial para o Advocatus convidar o ilustre presidente do Tribunal de Contas, o juiz conselheiro Guilherme d'Oliveira Martins para a sua entrevista principal do início deste ano II. Julgo que, se nas últimas décadas temos assistido a uma “fuga para o direito privado” por parte da actividade administrativa, parafraseando a tese de doutoramento da professora Maria João Estorninho, esse caminho vai provavelmente acentuar-se nos próximos anos. O importante é que o Tribunal de Contas acompanhe sempre tal movimento e que, onde estiver dinheiro público, o tribunal esteja lá. Se é verdade que estamos em plena crise do Estado Social, não vejo que a solução venha a ser demissionária por parte do Estado. Mesmo os arautos do neo-liberalismo, os mesmos que, com certeza assistem hoje à pre-

visível nacionalização de mais seis bancos na Irlanda, não deixam de vir a exigir do Estado o seu papel. Como bem refere o personagem Walter Berglund, do livro *Freedom*, referenciado na caixa, falando à mulher que enviava, às escondidas, dinheiro ao filho que se vangloriava de ser totalmente independente, mas que afinal precisava de dinheiro para beber uns copos com os seus amigos republicanos conservadores: “*I cannot believe you’ve been sending him drinking money! You know what it’s exactly like? It’s like corporate welfare. All these supposedly free-market companies sucking on the tit of the federal government. We need to shrink the government, we don’t want any regulations, we don’t want any taxes, but, oh, by the way*””. No plano internacional, julgo que não andarei muito longe da verda-

## LIVRO

### Jonathan Franzen - Freedom

*“It’s all circling around the same problem of personal liberties,” Walter said. “People came to this country for either money or freedom. If you don’t have money, you cling to your freedoms all the more angrily. Even if smoking kills you, even if you can’t afford to feed your kids, even if your kids are getting shot down by maniacs with assault rifles. You may be poor, but the one thing nobody can take away from you is the freedom to fuck up your life whatever way you want to. That’s what Bill Clinton figured out – that we can’t win elections by running against personal liberties. Especially not guns, actually.”* – Walter Berglund, em *Freedom* (pg. 361)

Depois dos *Lamberts*, do seu anterior *The Corrections*, publicado a 1 de Setembro de 2001, Franzen brinda-nos com nova saga familiar, desta vez com os *Berglund*. Foi um longo silêncio pós 9/11. “*We made mistakes*” ou “*mistakes were made*” são frases recorrentes de um livro que, através das relações familiares, nos

dá uma “bela” e negra parábola dos anos Bush. Os jogos tripartidos e competitivos de afectos (Patty, Walter e Richard; Joey, Connie e Patty; Joey, Jenna e Jonathan etc.) e o confronto entre um individualismo egoísta e a expressão de uma identidade colectiva, mais altruísta, que se encontra no compromisso das relações e vence, são a pedra de toque deste grande fresco americano. Mesmo tratando-se de uma falsa polifonia, julgamos que a única nota menos positiva na construção do romance é a forma algo apressada como resolve a redenção e destino de Richard, Joey, Connie... Como se precisássemos de saber o destino de todas as personagens. Uma aposta: Se *Freedom* for adaptado para o grande ecrã Walter será, certamente, Philip Seymour Hoffman. *Freedom* (2010, 562 pg.) foi editado nos Estados Unidos por Farrar, Straus and Giroux e deve ter tradução portuguesa para breve.



de se disser que foi uma completa surpresa as revoluções e revoltas no mundo árabe. Surpresa acrescida por não se terem tratado de golpes que determinaram uma mudança de poder, mas sim de manifestações de revolta populares. Revoluções que emanam assim, não de golpes militares mas do povo, com posterior adesão, ou não, das forças militares. Mas mais, ao contrário do que tem sucedido recentemente, como nos casos do Iraque e Afeganistão, não se trata de uma intervenção externa que causa a ruptura e que determina o quadro constitucional posterior. Trata-se da vontade dos próprios e da sua própria auto-conformação. Pelo menos parece ser esse o caminho da Tunísia e do Egipto. Em antecipação diríamos o mesmo de Marrocos, com uma promessa de substancial decréscimo dos poderes do monarca em exercício. Quanto à Líbia parece-me ainda uma incógnita. Para já, existe intervenção externa com mandato das Nações Unidas. Veremos se existirá conformação externa no momento da reconstrução jurídica do país. Parece ser esse o critério prático. Quando tudo cai, tudo tem de ser reerguido. Quando existem múltiplas forças antagónicas no terreno, por vezes tribais, a construção da unidade do Estado tem de ser garantida por forças exógenas ao país. E foi precisamente para reflectir sobre o fenómeno revolucionário e constitucional na construção dos Estados que o Advocatus organizou um dossiê sobre o tema convidando os professores Jaime Nogueira Pinto, Bacelar Gouveia e Mónica Ferro bem como a nossa ilustre colega Dr.ª Teresa Melo Ribeiro, cujos valiosos contributos agradecemos e que engrandecem este primeiro número do novo ano da publicação.

# Assine o Advocatus e fique descansado

Farto de informação negativa que só lhe provoca mal-estar, ansiedade e stress? A melhor terapia é assinar o Advocatus.

Porque, neste caso, a informação dá-lhe prazer. A assinatura do Advocatus inclui um programa gratuito de relaxamento e diversão na Odisseias. É uma oportunidade única para, gratuitamente, melhorar a saúde física e mental.

Veja em [www.odisseias.com](http://www.odisseias.com) o programa que mais lhe agrada

### BE COOL

Batismo de mergulho, Baptismo de Moto 4, Bridge Jumping, Canoagem, Baptismo de Windsurf, Back Massage, Bob cat Experience, Segway Discover ou Speed Boat

### BE HAPPY

Massagem Sweet Escape, Spa Experience, Esfoliação de Chocolate, Aula de Maquilhagem, Aula particular de esgrima, Cook Experience, Gocar City Break ou Baptismo de Moto 4

Para receber, na volta do correio, o voucher do programa escolhido basta assinar o Advocatus – o agregador dos Advogados.

Com o Advocatus fica informado e... fica descansado. Não é todos os dias que tem uma oferta destas.



**advocatus**

www.advocatus.pt

O agregador da advocacia

TODA A INFORMAÇÃO POR 180 €

Envie para: Advocatus • Av. Infante D. Henrique, nº 333 H, 44 • 1800-282 Lisboa

☐ SIM, desejo assinar o jornal Advocatus com o custo total de 180€ (12 edições; oferta de voucher Odisseias).

Nome:

Data de Nascimento:

Morada:

C.Postal:

Tel.:  Telem.:

Email:  Contribuinte:

#### Formas de pagamento:

☐ Transferência bancária para o NIB 0010 0000 43265960001 81. Envio do comprovativo para o fax 210 435 935 ou através do email [assinaturas@briefing.pt](mailto:assinaturas@briefing.pt)

☐ Cheque à ordem de Enzima Amarela Edições Lda. • Av. Infante D. Henrique, nº 333 H, 44 • 1800-282 Lisboa

O voucher Odisseias será entregue após boa cobrança.

☐ Be Cool ☐ Be Happy

Assinatura

Os dados recolhidos são processados automaticamente pela Enzima Amarela e destinam-se à gestão do seu pedido e à apresentação de futuras propostas. O seu fornecimento é facultativo, sendo-lhe garantido o acesso à respectiva rectificação. Caso não pretenda receber propostas comerciais de outras entidades, assinale aqui ☐